

Gilberto, um trópico inteiro

Gilberto, a whole tropic

ANDRÉ RIBEIRO

Universidade de São Paulo

andre.ribeiro.compositor@gmail.com

Resumo: Este texto é um depoimento-homenagem pessoal sobre Gilberto Mendes (1922-2016), o compositor. Pretendo retratar a personalidade musical de Gilberto e reduzi-la a uma imagem atemporal. Com isso, tentarei vislumbrar o momento em que eu dava os primeiros passos no universo da composição musical, em direção a uma "música praiana", como ele costumava dizer.

Palavras-chave: composição musical; vanguarda musical;

Abstract: This text is a personal testimonial-tribute about Gilberto Mendes (1922-2016), the composer. I intend to portray Gilberto's musical personality and reduce it to a timeless image. With this, I will try to glimpse the moment when I took the first steps in the universe of musical composition, towards a "beach music", as he used to say.

Keywords: music composition; avant-garde music.

Introdução

Gilberto Mendes foi o meu primeiro professor de composição. Nós nos conhecemos em 1998, quando eu tinha vinte e três anos e nada sabia do universo musical. Meu único contato com “música séria”, uma de suas expressões recorrentes, havia sido com a única professora de piano que tive na vida: Luísa Jacoponi (1902-1999). Dona Luíza havia me falado de Gilberto dois anos antes de conhecê-lo. E referia-se a ele como “uma geração mais jovem”, pois ela pertencia à geração dos pupilos de Mário de Andrade no velho Conservatório Dramático de São Paulo.

Seu forte não era música contemporânea; ao menos não aquela que representava a sua contemporaneidade. Por isso, quando via que meus olhos faiscavam dissonâncias gradativas pelas sonatas modernistas brasileiras, e depois pelos arroubos expressivos de Arnold Schoenberg (1874-1951) Alban Berg (1885-1935) ao piano, quis me encaminhar para o Gilberto. Como o conhecia só de vista, e a ninguém de seu círculo de amizades, me passou ao próximo da lista, a Willy Corrêa de Oliveira que, no passado, era próximo de Gilberto. E assim, de uma semana para a outra, comecei a frequentar as aulas de análise de Willy no departamento de música da USP, o CMU. Era 1998.

Contudo, não era algo fácil levantar às quatro da manhã, pegar uma lotação para dali a três horas e meia descer na porta do CMU. Isso, e mais o clima de competitividade entre estudantes imersos nas profundezas analíticas da música, com o tempo foram me esgotando ao longo de um ano. Foi essa a minha experiência emocional distintiva quanto ao lugar simbólico da música nas cidades de Santos e São Paulo, pois eu ainda oscilava entre o prazer musical da baixada santista e a circunspeção analítica de cinzenta São Paulo. Mas logo veio uma oportunidade de conhecer Gilberto.

De certo modo, Gilberto foi responsável por alterar o rumo de minhas decisões, que viriam a seguir tanto na escolha de um curso superior em música, quanto no repertório que escolheria para me acompanhar em minha jornada. Assim, de 1998 a 2016, mantive o hábito de consultá-lo sempre que me via em algum impasse artístico, acadêmico ou profissional, no que ele sempre respondia às minhas aflições com uma certeza inabalável da qual muito me beneficiei.

Durante os anos em que tive o prazer de frequentar a sua casa para um café com biscoitos, pude assistir de perto o que era ser artista por convicção e desejo. Gilberto não fazia concessões a respeito da música que o enchia de emoções e admiração. E frequentemente as demonstrava para que as nossas escolhas musicais fossem mais pautadas nos afetos e sentimentos, em “reações orgânicas”, ele dizia, do que em alguma pretensa abstração teórica ou propósito quixotesco.

Nutrido pelas ideias de Gilberto, optei pela graduação em composição musical na Faculdade Santa Marcelina, onde conheci o professor e compositor Silvio Ferraz que, por sua vez, foi meu orientador de mestrado na Unicamp em 2005. A irreverência, o ludismo e o toque cômico frequente nas aulas do Silvio, a mim, pareciam uma extensão dos traços característicos da persona de Gilberto; como se algo "*gilbertiano*" estivesse percorrendo as gerações de compositores que foram seus alunos. Assim como Gilberto, Silvio tinha por hábito analisar obras musicais sem ter que afundar os alunos nas brumas do pensamento analítico. Todas as aulas eram leves e recheadas de irreverências.

Gilberto tinha certa aversão aos 'cerebralistas', aqueles que, segundo ele, 'se levam muito a sério'; um conselho sabiamente repetido a mim pelo compositor Almeida Prado (1943-2010). Justamente por isso, em 2006, o convidei para ser membro de minha banca de mestrado na Unicamp: "das proximidades à distância: um percurso entre as instabilidades de música", junto com Silvio e Rogério Costa, visto minha dissertação conter um grosso volume referente ao meu diário de composição. Ainda lembro a cutucada que ele deu no Silvio e Rogério durante a minha defesa, ao dizer que ambos 'se deram muito bem na carreira', apesar de não terem sido alunos exemplares.

E logo a seguir confessou que não havia lido a minha dissertação, pois todas aquelas filosofias acessórias da música o cansaram sobremaneira: "A música é visceral em mim! É uma reação orgânica! Olha, nem me chame para o doutorado, porque eu não vou!"



Figura 1: Minha banca de mestrado na Unicamp em 2007. Da esquerda para direita, Eu, Rogério Costa, Silvio Ferraz (orientador) e Gilberto Mendes.
Arquivo pessoal do autor

Gilberto amava a música, no geral. Fosse ou não de seu repertório, seus comentários e críticas a respeito de qualquer música não visavam atacar ou inferiorizar

ninguém. Para além da composição, ele era um ouvinte apaixonado, e buscava transmitir essa paixão a todos. Ainda está fresco em minha memória quando ele aceitou ser meu padrinho de casamento em São Paulo, cuja cerimônia budista fez questão de estar presente, apesar das duas horas de duração, na maior parte do tempo de pé. Ao fim, perguntei o que havia achado da paisagem sonora. Ele acenou positivamente e disse: "Plim, Tum, Tum, Plim!", referindo-se aos sinos de mão e tambores chineses que usualmente sublinham o canto monódico flutuante entre os incensos no salão.

É difícil encontrar as palavras certas para redigir um depoimento digno de interesse, e que ao mesmo tempo exponha os traços marcantes de uma personalidade tão rica quanto a sua. Decerto, se eu tivesse mantido com ele um relacionamento de pesquisa, estritamente para preencher duzentas ou trezentas páginas de um mestrado ou doutorado, tudo seria mais fácil, concreto, em um tom neutro.

Ao invés, optei por narrar sua influência decisiva, e, por que não, espiritual em mim. Por isso, escolhi aqui retratar uma passagem que tive com ele, durante um dos encontros informais, realizados com frequência na casa de Gil Nuno Vaz e Inês Cruz, usualmente, iniciando às nove horas da noite, encerrando por volta das três horas da manhã. Gilberto era daqueles que ficava até o fim da festa papeando. Para mim, aquilo se apresentava como uma reunião de um clube de artistas e intelectuais, já que as conversas giravam em torno de arte, cultura e política.

Assim, anos mais tarde, quando foi necessário escrever as primeiras linhas de meu currículo acadêmico, fiz questão de mencionar esses encontros como se representassem uma segunda e concomitante graduação paralela em música. Longe das aulas formais de composição e análise nas salas de aula que frequentei, esses encontros teceram gradativamente o fio de meus desejos e os 'porquês' dessa e não daquela música. Numa palavra: deram sentido às minhas escolhas e direções na vida.

Para não me alongar mais nessa introdução, o texto a seguir, embora retrate fatos reais, mantém em curso uma narrativa que visa a um retrato atemporal do Gilberto. Devo dizer que busco discernir no campo dos afetos a imagem daquela personalidade artística indelével em mim. Ciente, entretanto, dos desafios a toda tentativa autoficcional de alcançar no texto a raiz dos vínculos afetivos, no amor à arte, mantenho como eixo central o desprendimento rebelde e a resposta prazerosa à vida, para mim, definidora da personalidade musical de Gilberto.

Olhos e memória

Os olhos eram como duas bolas de gude prateadas e cintilantes. Claros como água. Cativavam antes das palavras. Expressavam algo meio lúdico, mágico, que intrigava os seus interlocutores: "Então esse é o grande compositor da vanguarda brasileira?" O que mais guardo na memória é a imagem de seus olhos desconfiados e cristalinos, às vezes, esmaecidos. Lembro de vê-los de relance numa galeria do teatro da cidade, pareciam pousar em mim, ou não...

Eu era jovem demais para saber me introduzir no círculo. Preferia manter-me à distância, alimentando conversas imaginárias na saída de uma apresentação, numa livraria, durante uma caminhada pelo calçadão da praia, ou à porta do cinema, que era uma paixão sua.

Foi na saída do teatro que pensei em me aproximar. Eu, um garoto com a adolescência atravessada na garganta. Passou-se não sei quantos dias, ou semanas, e de repente fui convidado a uma festa na casa do poeta da cidade, onde Gilberto estaria. Meus pais se arranjaram para ter esse convite em mãos. Fui tremendo da cabeça aos pés, aquela tremedeira de menino ansioso, acabrunhado, que alimenta muitas expectativas difusas. Encontrei-me numa sala ampla de duas peças com seres inéditos para mim, a maioria, no mínimo uns vinte anos mais velhos do que eu. Fui empurrado à frente por Inês Cruz, "Tua vez, vai lá!" Gilberto, sentado numa cadeira de balanço, "E então? Diga lá qual nome você escolhe?"

Quiseram saber o meu codinome, já que eu havia entrado inadvertidamente numa das reuniões do "Schülappen"; outra irreverência sua que me diverte até hoje. Não sei qual idiotice me fez dizer "Berg". Mas fui atacado pelo maestro Roberto, que do outro canto da sala gesticulava, revirando os olhos em minha direção: "Nã, Nã, Nã... Berg sou eu! Nem pense em tomar o meu nome". A advertência fez o Gilberto intervir: "Então, será Kurt Weill!" Concordei com um sorriso de imensa vergonha, pois não fazia ideia quem era aquele.

Assim que cheguei em casa saí a procura deste personagem. Não havia Internet na casa de meus pais no início da década de 1990, de modo que tive de consultar muito a contragosto o livro do Kurt Pahlen, ficando bastante melancólico com isso, pois por um instante cheguei a pensar que era ele; de certa maneira, alguém irrelevante para a grande história universal da música. Seria Weill seu sobrenome do meio? Descobri que não, embora seu livro não mencionasse uma palavra sequer a respeito de Kurt Weill. Dias depois encontrei uma obra sua numa revista de banca: "The Seven Deadly Sins", um balé cantado, simplesmente incrível! - com libreto de Bertold Brecht, composto após sua fuga da Alemanha nazista. Dormi feliz nesse dia! Sonhei...

Solto naquela festa, mal o havia conhecido e derramado toda a minha angústia sobre ele, arrisquei a pergunta sobre aulas, se poderia me ensinar alguma coisa de música e composição. Seus olhos disseram sim antes de sua boca o fazer. No entanto, a confirmação vinha com algumas advertências enumeradas por ordem de importância.

Primeiro, ele não dava aulas de composição exatamente, mas podia dizer como fazia suas músicas, se por acaso isso me interessasse. Segundo, não gostava de coisas complicadas. Era para ser simples, pois tinha preguiça de ler partituras complexas, com muitos bemóis e sustenidos; isto para o caso de levar as minhas músicas para ele as ver. Terceiro, não cobrava nada. Nem dinheiro, nem tarefas. Para ele era uma questão de cordialidade e convivência. Quarto, que em seu piano as teclas brancas tinham as suas cores trocadas pelas pretas, e vice-versa. E isso era fundamental saber. Concordei de imediato. Porém não resisti em perguntar sobre Darmstadt e a Neue Musik, e toda aquela complexidade sonora na década de sessenta: "Ah, isso! Foram alguns encontros num estábulo, onde se faziam alguns ensaios de orquestra. Boulez veio ao nosso quarto depois, e sentou-se na minha cama, onde papeamos. Queria saber do Festival... escreveu uma carta depois.

Gilberto não queria forçar ideias nos compositores. Interessava-se por eles enquanto personalidades artísticas nascentes, cujo estofo vinha a ser preenchido com a sua enorme cultura livresca e cinematográfica. Para isso não poupava esforços, intercalando história, cultura e fatos de sua vida. Nossas aulas eram como ir a uma matinê aos domingos, e sair de lá ainda mais leve, com vontade de ter mais... Certa vez, encarou-me com a folhinha impressa de uma partitura minha em suas mãos, e disse exasperado: "O quê? Clave de dó na primeira linha, e em sol sustenido lídio!? Por que não há uma clave de sol convencional em sol maior? Poderia ser também em mi menor. Tanta coisa bonita foi escrita com um só sustenido..." - e passou a cantarolar um prelúdio de Fauré... não soube responder. Eu era muito medroso para justificar sabe-se lá quais ideias passavam por minha sensibilidade de principiante. Por isso fiquei quieto e concordei.

Foram muitas as vezes em que estive em sua casa, ele sentado na poltrona de balanço, tendo a sua volta as máscaras ritualísticas do mundo, suas lembranças de viagem. "Te assusta, é?" - dizia se divertindo um pouco as minhas custas. Foi por conta desse fascínio, não sei dizer ao certo se antropológico, que o presenteei num de seus aniversários com uma boneca japonesa. Ele ficou exuberante com o presente e pediu a Eliane, a sua amada companheira, para limpar a mesa do canto, criando de improviso uma espécie de mini-altar.

Gilberto tinha carisma, definitivamente. Ainda que, a certa altura, não ouvisse mais as minhas perguntas, fingia que as escutava, para logo a seguir soltar narrativas longas, "cem por cento fidedignas", dizia ele, que acabavam por me motivar de alguma forma. Era essa uma de suas habilidades: instigar os outros a ir em frente com muito pouco. E eu sempre correspondi mal e mal como me era possível.

Por esta época compus um prelúdio pavoroso que ele fez questão de estrear num concerto organizado pela Universidade Católica de Santos, sem o meu conhecimento. Fui aplaudido pelas pessoas, nem sei bem o porquê, enquanto Gilberto, ali de pé no Teatro Brás Cubas, aplaudia primeiro, olhando-me, e em seguida ao “nosso pianista” Antonio Eduardo. A surpresa foi redobrada pelo presente que ganhei a seguir de meu pai, por sugestão do Gilberto, um metrônomo! Tenho-o até hoje em cima do piano como um totem.

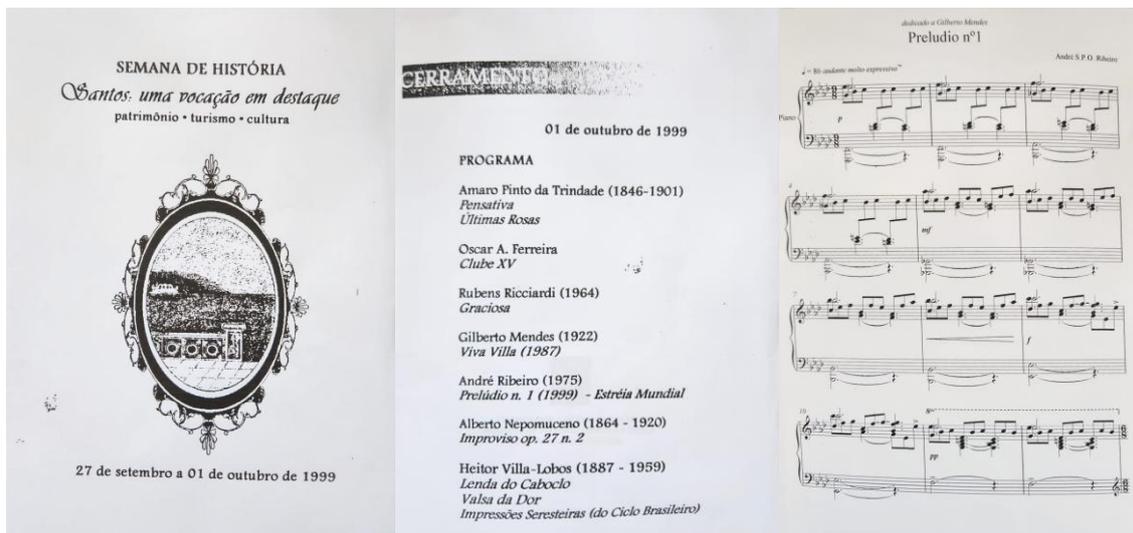


Figura 3: Minha primeira composição para piano, *Prelúdio nº1* (1999) e programa. Arquivo pessoal

Como dizia, aquela festa avançava na madrugada com auxílio de café e biscoitos de gengibre para nos manter acordados, papeando, até pelos menos às quatro da manhã, quando Gilberto, numa longa pausa introspectiva, num rompante trêmulo de um ancião, arrancou-se da poltrona voltando seus olhos para mim, e disse para que todos o ouvissem: “Olha, não seja assim, tão a sério! Eu nunca o fui. Subia a Serra para as aulas da Universidade por uma ninharia. Veja, eu sou da praia!” - E tornou a cair na cadeira. Essa última frase foi com certo vigor que a disse, acrescentando com os olhos já voltados ao poeta: “Seja como o nosso Karl May¹ aqui que dá aulas de turismo sem ter saído do lugar.” Não me recordo o que eu possa ter dito para que ele me desse esse conselho? Porém, lembro de o ter recebido como um enigma. Afinal, quem era eu? Não me levava a sério mesmo! Não havia dúvidas quanto a isso. Aliás, eu duvidava seriamente de minhas possibilidades, pelo que vivia inseguro.

Devia ser umas três horas da manhã quando desatou a falar neste assunto. Seu aspecto mudara gradativamente. Contou uma longa história sobre a ditadura, e sobre como havia feito uma viagem de navio à Europa nos tempos de militância: “Sabe, é

¹ Karl Friedrich May (1842–1912) foi um escritor alemão, conhecido por seus romances de aventura baseados no Velho Oeste americano. Seus principais protagonistas são Winnetou e Old Shatterhand.

diferente chegar a uma terra devagar, lentamente, pianississimo! No início é uma linhazinha lá no horizonte, e não se vê nada. Passa um dia inteiro, às vezes dois, e de repente os olhos se abrem. Despertam! E o continente vai lentamente se aproximando da embarcação, e nós lá dentro, na murada, aguardando... O sabor que isso tem é outro. Nunca mais tive esse prazer... nunca mais!" Entristecia-se como quem acorda bruscamente de um sonho, e prosseguiu: "Por isso não me dou com aviões de modo algum! Veja. Tomo um comprimidinho – como é mesmo o nome, hein? – E entro flutuando, assim, com um foxtrote na cabeça, lá, lá, lá yá..." E então ele se pôs a cantarolar uma canção desconhecida: "Tommy Dorsey orquestrou essa. Coisa fina! Toca na alma!" Enquanto ele voltava a se inspirar, entretendo os convidados, ao meu lado o fotógrafo da turma nos contou uma história aterradora, em que ele e um colega pegaram no sono num trem saído de Bonn, por essa mesma época, ao menos entendi que sim, e acordaram em Berlim, tendo passados despercebidos pela guarda da fronteira. Foi então que viram alguns passageiros serem levados para fora aos empurrões e pontapés, até o fim da linha, de onde se ouviu um estampido seco. Gilberto o interrompeu a esta altura para dizer que ele estava na década errada. Ele falava de Tommy Dorsey e a década de trinta. A cortina de ferro não tinha nada a ver com isso, mas aproveitou o gancho para resumir tudo em poucas palavras: "Hoje, se estivéssemos na ditadura, essa reunião nossa aqui seria altamente suspeita, estaríamos todos presos, ou pior, mortos..." Entramos no torpor da alta madrugada. Silêncio geral.

Espalhados pela sala, a uma hora do sol nascer no banquinho do piano próximo ao corredor, deitado no sofá, na poltrona francesa, no chão sobre o tapete peruano, fomos nos esparramando aqui e ali. Deitei-me no sofá, os olhos sonolentos, o som das ondas me embalando, com todas aquelas máscaras a volta, as cortinas esvoaçantes, como as de uma nau feita ao mar, a voz do poeta distante, alguém requentava o café, o duplo toque da partida, as areias dos Mares do Sul... eu afundava lentamente...

Acordei suado até os tornozelos. Havia dormido metade fora, metade dentro do colchão da bicama em meu quarto, riscado pelo sol que atravessava as persianas. Eram dez horas quando a minha mãe entrou com uma muda de roupa e me viu naquele estado: "Você dormiu assim?" Debaixo do lençol, a cabeça latejando, enquanto minha mãe insistia: "Hein!?". Respondi que não fazia a menor ideia. Meus ouvidos zuniam. Fui levantar e me dei conta que ainda vestia roupa da noite anterior. "Por que você tem areia nos pés? Foi à praia?" Olhei para os meus pés, sem resposta para aquilo, embora as cortinas me parecessem brancas demais...

Pós-tudo, eis tudo!

A imagem mais poética que tenho de Gilberto hoje é da silhueta esvoaçante, e o braço direito erguido com os dedos da mão estendidos ao horizonte. O gesto se traduz na voluptuosidade de uma força preñe de mistérios e prazeres atlânticos. Tenho para mim que a mística gilbertiana, tão ligada às águas do Sul, conduziu-me a um certo Oriente, razão do fascínio que me colocou, desde então, entre a Europa e um mais além, aos Mares da China. E talvez seja esse o aspecto mais importante do desejo de um partilhado com muitos: tecer fios invisíveis de mistério, interligar histórias marginais, e sempre, sempre resiliente fomentar o sonho de uma arte para todos!

« **hommage** »

a gilberto mendes (1922-2016)

alguém aponta o azul
na ponta do mar

vazada rebentação
na ressaca de outono

rumora os frios
hibernados d'hiver

ressentindo as águas
nos olhos e o dedo
em riste e o rosto

crispa no sono triste
sonha Gilberto ao Sul
insiste!

desse poema existe-
rá um outro horizonte
riso e anverso
que há

de ser transparecido
o seu o céu
zunindo
azulindo

zunirá!

(poema: André Ribeiro)

Referências

Mendes, Gilberto. 1994. *Uma Odisseia Musical: dos mares do sul elegância por/art déco*. São Paulo: Editora Edusp.

Mendes, Gilberto. 2009. *Viver sua Música: com Stravinsky em Meus Ouvidos, Rumo à Avenida Nevsky*. São Paulo: Editora Edusp.